**AULA 14 – A PHC E A FORMAÇÃO ESCOLAR CRÍTICA DOS TRABALHADORES NUMA ÉPOCA DE TRANSIÇÃO**

**Prof. Dr. Dermeval Saviani**

<https://www.youtube.com/watch?v=PlPed4jifF8>

(0:00 - 0:55) Chegamos com essa aula ao término dos trabalhos dessa disciplina de pós-graduação articulada ao curso de extensão, versando sobre as pedagogias contra-hegemônicas. E foi definido como tema desta aula a pedagogia histórico-crítica e a formação escolar-crítica dos trabalhadores numa época de transição. Estamos, pois, diante da tarefa de retomar a pedagogia histórico-crítica, que foi situada como uma das teorias pedagógicas contra-hegemônicas, como referência para possibilitar a formação escolar-crítica dos trabalhadores no atual momento histórico, definido como uma época de transição.

(0:57 – 2:00) Penso, então, que ao concluir a disciplina e o curso de extensão, cabe tentar entender em que consiste o caráter transitório da época atual e verificar em seguida como poderemos avançar na formação crítica dos trabalhadores, tendo a referência da pedagogia histórico-crítica, sem deixar, porém, de considerar preliminarmente a seguinte questão: como se situa nesse quadro o conjunto das pedagogias contra-hegemônicas? Vou então dar início a essa aula, começando por situar brevemente em que consiste a chamada época de transição que decorre da crise da atual forma de sociedade. Na sequência, tentarei considerar como encaminhar a luta da classe trabalhadora em tal época, considerando a contra-hegemônia do âmbito da sociedade e o lugar da educação nesse processo.

(2:05 – 3:59) Começo, então, com considerações sobre a atual época de transição. Transição significa passagem de uma a outra forma. No caso que estamos considerando, trata-se da passagem da atual forma de sociedade a uma outra forma social. Ora, se está posta a necessidade de surgimento de outra forma de sociedade, isso significa que a forma atual se encontra em crise. Mas em que consiste tal crise? Como lembrou o saudoso professor Alfredo Bose, começar pelas palavras talvez não seja coisa vã. Começo, então, pela etimologia da palavra “crise”, que como se sabe deriva do grego. E consultando o dicionário português grego, vemos que a palavra “crise” se expressa em grego, é claro, pelo verbete de crises. Mas também por teinós kairós. E no dicionário grego português, lemos que o vocábulo grego “crise” significa, obviamente, crise, circunstância difícil. E a expressão grega teinós kairós significa tempo temível, terrível, perigoso, mal, funesto. Mas também tempo admirável, extraordinário, estranho, forte, poderoso, hábil. Como se vê, o termo “crise” expressa um momento dialético que contém, ao mesmo tempo, a negação de uma determinada ordem de coisa e o anúncio de uma nova ordem.

(4:00 – 5:37) É nessa direção também que se desenvolveu a análise de Gramsci sobre “crise de hegemonia”, “crise orgânica” e “crise de autoridade”. Resumidamente, sua análise indica que a crise emerge quando a classe dominante já não obtém o consenso das demais classes deixando, portanto, de ser “classe dirigente”, sendo que nessa condição ela só pode continuar dominando com base na força, tornando-se incapaz de exercer a hegemonia, ou seja, de obter o consenso ativo das grandes massas. Eis como Gramsci escreveu sobre essa questão nas suas anotações nos Cadernos do Cárcere. Disse ele, o aspecto da crise moderna que é lamentado como onda de materialismo está ligado com isso que se chama crise de autoridade. Se a classe dominante perdeu o consenso, isto é, não é mais dirigente, mas unicamente dominante, detentora da pura força coercitiva, isso significa precisamente que as grandes massas destacaram-se das ideologias tradicionais, não creem mais no que antes acreditavam, etc. A crise consiste precisamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer.

(5:38 – 7:51) Nesse interregno, verificam-se os fenômenos doentivos mais variados. E estamos vendo como em nosso país manifestam-se esses fenômenos doentios, os mais variados, com o avanço da extrema direita que capta a adesão das massas, lançando mão do negacionismo cultural, científico e ecológico, e divulgando pelas redes digitais informações falsas, aliciando pessoas para atos criminosos e aumentando os índices de feminicídio, atos racistas, homofóbicos, entre outros fenômenos doentios. Pense assim que, como assinalou Gramsci, a velha ordem se desintegra, mas seus beneficiários resistem, impedindo que a nova ordem se instale, configurando-se então a situação de crise. A partir dessa conceituação geral, podemos constatar que no âmbito de uma mesma forma de sociedade, eclodem crises parciais, que afetam determinados aspectos, o que se traduz em expressões como crise econômica, crise social, crise política, crise religiosa, crise ambiental, crise de gerações, crise psicológica, crise sanitária, crise da educação e assim por diante. De modo geral, essas crises são do tipo conjuntural, ou seja, vem em determinados momentos e tem uma duração limitada. No entanto, na situação atual, a crise que assola a forma de sociedade vigente, baseada no modo de produção capitalista, adquire o caráter global, estrutural, que conforme Mészáros, afeta a totalidade de um complexo social em todas as relações com suas partes constituintes ou subcomplexos, bem a outros complexos aos quais é articulada.

(7:52 – 9:02) Tendo-se estendido por toda a terra, o capitalismo não tem mais para onde se expandir e passa a obter uma sobrevida por meio da produção destrutiva. Isto porque aquilo que é destruído pode ser reconstruído a partir das relações sociais de produção dominantes, baseadas na propriedade privada. Mas já não é mais possível desenvolver novas forças produtivas, porque as relações sociais privadas, a partir da crise dos anos de 1970, que determinou a reconversão produtiva com o advento do neoliberalismo, passaram a frear o avanço das forças produtivas, gerando os fenômenos dos desastres ambientais, acidentes de trânsito, guerras localizadas e outras formas destrutivas, nomeadas pela imprensa como vandalismo, além das ações do crime organizado, tanto a partir das prisões como nas áreas de controle do tráfico de drogas e da atuação das milícias.

(9:03 – 10:51) Mas além desses eventos de caráter destrutivo extrínsecos ao processo produtivo, que alimentam a reprodução capitalista, o próprio modo de produzir incorporou intrinsecamente a forma destrutiva, ao reger-se pela obsolescência programada, mediante a qual os bens são produzidos para durar pouco, exigindo em tempos cada vez mais curtos a necessidade de sua substituição. Isso ocorre com todos os produtos, sendo mais evidente nos equipamentos eletrônicos que utilizam como matéria-prima o plástico, cujos artefatos obsoletos inundam o planeta, danificando o meio ambiente. Levando em conta que o modo de produção capitalista tornou-se a forma dominante que se expandiu por toda a Terra, tendo atingido em consequência seu grau máximo de desenvolvimento, e que nesse contexto as relações de produção baseadas na propriedade privada dos meios de produção de impulso que eram, agora se transformaram em freios das forças produtivas, abrindo-se uma época de revolução social. Podemos então considerar que essa situação de crise global de caráter estrutural impacta fortemente a educação de várias maneiras, as quais, no entanto, podem ser agrupadas numa tendência que vem prevalecendo, na qual a educação de modo geral, e a escola em particular, cada vez mais se vergam ante as imposições do mercado.

(10:53 – 12:04) Essa tendência para qual caminha a educação em geral, e a educação pública em particular, é aquela que se realiza espontaneamente, como que é de acordo com o princípio da inércia. Do ponto de vista das ideias pedagógicas, essa tendência é representada pelo neoprodutivismo, com as variantes do neoescolanovismo, neoconstrutivismo e neotecnicismo, que circulam como supostas teóricas disfarçadas de últimas novidades na forma das tais pedagogias do aprender a aprender, que aparecem versões como pedagogia da qualidade total, pedagogia das competências, pedagogias da inclusão, pedagogia multicultural, teoria do professor reflexivo, pedagogia corporativa, pedagogia social e assemelhadas. Nesse quadro, promove-se a fetichização das novas tecnologias, com uma assodada adesão à educação à distância, expandindo o processo de alienação das crianças e jovens.

(12:05 – 13:55) Penetrando nas escolas, essas ditas pedagogias, as descaracterizam, convertendo-as em espaços anódino, esvaziadas da função própria da escola, ligada ao objetivo de assegurar as novas gerações a apropriação dos conhecimentos sistematizados decorrentes do desenvolvimento da filosofia, das ciências, das artes. É essa a grande tendência hegemônica no Brasil hoje, que provoca a luta pedagógica contra-hegemônica da classe trabalhadora, visando a transição para uma nova forma de sociedade, que, nas condições dessa crise estrutural do capitalismo, só pode ser o socialismo. Isso porque a superação do capitalismo, a partir do desenvolvimento de suas contradições internas, é o que a prática histórica e a teoria dessa prática vem explicitando por meio da categoria socialismo. Com efeito, o capitalismo socializou o trabalho, mas manteve privada a propriedade dos meios de produção e dos produtos do trabalho. E essa contradição precisa ser resolvida, o que significa que é necessário socializar os meios de produção e os produtos do trabalho, compatibilizando-os, portanto, com a socialização já efetuada do processo de trabalho. Fora disto, a alternativa que resta é a barbárie, da qual também já se manifestam diversos sinais na atual conjuntura.

(13:56 – 15:07) Portanto, a solução da crise global implica a transformação radical do capitalismo, construindo pela práxis revolucionária a sociedade socialista. É nesse contexto que a luta contra-hegemônica pela transição da forma capitalista à forma socialista de sociedade coloca a questão da transição também no campo educacional, entrando em cena a luta pedagógica contra-hegemônica. No entanto, como vimos ao longo dos trabalhos dessa disciplina/curso de extensão, estamos diante de diversas pedagogias contra-hegemônicas. Resulta, portanto, necessário verificar como se relacionam essas diferentes pedagogias no necessário processo de formação crítica dos trabalhadores para levar adiante a luta social contra-hegemônica. Examinemos, então, ainda que brevemente, essa questão da relação entre as várias pedagogias contra-hegemônicas.

(15:08 – 16:25) E comecemos a abordagem desse tema com a seguinte indagação: por que as esquerdas, de modo geral, timbram em cultivar divergências interpretativas sobre as mais variadas questões, sejam elas de ordem teórica ou de ordem prática? Que implicações tem esse fenômeno para o avanço da consciência dos militantes para a luta revolucionária? No encaminhamento da resposta a essas questões, considero pertinente abordar o sentido das controvérsias em que se envolveram os clássicos do marxismo. Antes, porém, deve-se notar que nas polêmicas em que se envolveram Marx, Engels, Lenin e Gramsci, as divergências se explicitaram com clareza, permitindo-nos uma compreensão mais precisa do significado teórico e prático do materialismo histórico. Claro que não me refiro aqui aos textos em que Marx fez a crítica de Hegel e nem mesmo àqueles em que, juntamente com Engels, se contrapôs a esquerda hegeliana, como são os casos de “A Sagrada Família” e a “Ideologia Alemã”.

(16:26 – 18:31) Também não estão em causa obras como o “Anti-Dühring”, de Engels, e as críticas de Gramsci e (AUTOR). Isso porque, nesses casos, as críticas se dirigiram a posições externas ao marxismo, ainda que a motivação da crítica, por vezes, tenha sido a influência sobre pensadores que se consideravam marxistas, o que se evidencia especialmente em materialismo, em biocriticismo, obra na qual Lenin criticou a visão de Ernst Mach, tendo em vista a adesão às suas ideias por parte de bolcheviques como Bogdanov. Numa situação intermediária, situam-se as polêmicas travadas no campo do socialismo, pois aí se tratava da luta do movimento operário contra a ordem burguesa. Encontram-se, nesse âmbito, a crítica a Proudhon, empreendida por Marx em “A Miséria da Filosofia”, os debates com as várias correntes do socialismo utópico e do anarquismo e, de certo modo, também as críticas de Lenin ao populismo russo. Internamente ao campo marxista, encontramos os debates travados no âmbito da Associação Internacional dos Trabalhadores, a AIT, especialmente no quadro da Segunda Internacional, onde se acirrou a luta contra o revisionismo e o oportunismo. No entanto, convém ter presente que, embora Marx fosse contrário ao programa da Aliança Internacional para a Democracia Socialista, de Bakunin, ele apoiou o ingresso da aliança em 1869 na AIT, uma vez que, segundo ele, a entidade internacional dos trabalhadores deveria se guiar pelo princípio de deixar cada sessão estruturar livremente seu próprio programa teórico.

(18:32 – 19:57) Essa mesma linha de conduta está presente em 1875 na crítica ao programa de Gotha, na qual Marx se contrapõe à tendência reformista assumida pelos partidos operários alemães. Em suma, os debates internos travados pelos fundadores do marxismo (Marx e Engels) e também por Lenin e Gramsci, procuraram sempre mover-se no âmbito de dois princípios: 1º) a diferenciação entre a perspectiva proletária e aquela dos burgueses e pequeno-burgueses progressistas; 2º) a firme união entre as forças que buscam expressar e fazer avançar a luta dos trabalhadores. Foi com espírito que Marx participou diretamente e incentivou, de todas as maneiras a seu alcance, as iniciativas práticas da luta pelo socialismo em todos os lugares e circunstâncias, independentemente de que correspondessem predominantemente às suas próprias ideias. Nesse mesmo quadro, podemos também situar a crítica de Gramsci ao livro de Bukharin “A Teoria do Materialismo Histórico, Manual Popular de Sociologia Marxista”.

(19:58 – 21:44) Gramsci parte da referência à Manual Popular, para mostrar a necessidade de se partir do exame crítico do senso comum, que é, por assim dizer, a filosofia dos não filósofos, e não como fez Bukharin, partindo da crítica das filosofias tradicionais e da religião dos teólogos. Gramsci, então, irá discutir o próprio significado da filosofia da práxis, que é o nome que ele dava para o marxismo no cárcere, contestando a relação feita no livro “Entre Materialismo Histórico, Filosofia Marxista e Sociologia”. E é justamente nesse contexto que Gramsci irá expor sua concepção de ortodoxia. Destaco aqui, então, como é que Gramsci entendeu essa noção de ortodoxia, nesse próximo slide. Conforme Gramsci “a filosofia da práxis ‘basta a si mesma’ contendo em si todos os elementos fundamentais para construir uma total e integral concepção do mundo” (Gramsci, 1978, p. 186). E prossegue mostrando que “a filosofia da práxis não tem necessidade de sustentáculos heterogêneos; ela mesma é tão robusta e fecunda de novas verdades que o velho mundo a ela recorre para alimentar o seu arsenal com armas mais modernas e mais eficazes” (idem, ibidem, p. 187). Diante dessa fala de Gramsci, me ocorre a seguinte observação. Não deixa, pois, de ser irônico que existem reformistas que julgam-se apoiar em Gramsci para rever o marxismo original.

(21:45 – 24:09) Quando fica claro aí que Gramsci sempre se voltava exatamente ao marxismo original, destacando que ele não precisava de complementos, porque ele se bastava a si mesmo. Lenin, no último parágrafo do texto “Um Passo Adiante, Dois Passos Atrás, Uma Crise em Nosso Partido”, deixa bem evidente essa necessidade da união das forças proletárias, apesar de tantos empecilhos, entre eles, o que ele chama de as "frivolidades de alvoroço do anarquismo próprio de intelectuais. Eis literalmente a manifestação de Lenin, disse ele: em sua luta pelo poder, o proletariado não dispõe de outra arma, senão a organização. Desunido pelo império da anárquica competição dentro do mundo burguês, esmagado pelos trabalhos forçados a serviço do capital, lançado constantemente no submundo da miséria mais completa, do embrutecimento e da degeneração, o proletariado pode tornar-se e se tornará sem falta uma força invencível, sempre e quando sua união ideológica, por meio dos princípios do marxismo, se reforce com a unidade material da organização que reúne milhões de trabalhadores no exército coeso da classe operária. Diante deste exército não poderão resistir nem o poder decrépito das autocracias russas, nem o poder decadente do capitalismo internacional. Esse exército serrará fileiras cada dia a mais, apesar de todos os ziguezagues e passos atrás, apesar das frases oportunistas dos girondinos da social-democracia contemporânea, apesar dos fátuas elogios do atrasado espírito de círculo, apesar dos europeus e do alvoroço do anarquismo próprio de intelectuais.

(24:10 – 26:46) Destaco então, em mais um slide, a seguinte conclusão. Em suma, penso que os esforços que devemos fazer é cerrarmos fileiras unidos em torno da luta pela transformação dessa sociedade, distinguindo claramente a perspectiva proletária daquela dos burgueses e pequenos burgueses progressistas. Nesse empenho cabe-nos considerar nossas diferenças, explorando aspectos distintos da teoria marxista e das estratégias de luta, porém fazendo-as convergir sempre para o objetivo do reforço de nossa união na árdua luta que travamos contra as forças dominantes da sociedade capitalista. Afinal, Marx e Engels redigiram o manifesto do Partido Comunista e não o manifesto de um dos partidos comunistas. E o lema que fecha o manifesto é exatamente: “Proletários de todos os países unidos’. Parece, pois, que não se justifica a criação de tantos partidos de esquerda e menos ainda de tantos partidos marxistas. Consequentemente, poderíamos considerar que também não se justificaria tantas pedagogias contra-hegemônicas no campo da educação. No entanto, é fato que essa variação vem se pondo historicamente. Tiremos, pois, lição desse fato histórico. Assim como Marx, embora se diferenciando do anarquismo e não tendo hegemonizado a façanha da comuna de Paris, na análise desse evento efetuada em “A Guerra da França”, ele exaltou o feito dos operários de Paris, concluindo o texto com as seguintes palavras: “A Paris Operária, com a sua comuna, será sempre celebrada como o arauto glorioso de uma nova sociedade. Os seus mártires estarão guardados como relíquia no grande coração da classe operária. E aos seus exterminadores, já a história os amarrou àquele pelourinho eterno, donde todas as orações de seus padres os não conseguirão redimir”.

(26:47 – 28:26) Veja como como Marx fecha o livro sobre “A Guerra Civil da França” e que analisa a Comuna de Paris, comuna que se desenvolveu a partir da influência do anarquismo, do qual Marx tinha algumas discordâncias, no entanto, aquelas discordâncias não impediram de reconhecer a importância da experiência da comuna de Paris, o significado histórico geral que esse evento teve para o movimento operário. Então, eu concluo esse tópico fazendo mais um destaque em slide, dizendo que assim, é necessário que as várias pedagogias contra-hegemônicas secundarizem suas diferenças e articulem seus esforços na formação crítica dos trabalhadores, de modo a fortalecer sua luta para se libertar da opressão burguesa e avançar na construção do socialismo. Feitos esses esclarecimentos preliminares, eu vou passar agora a tratar do tema específico desta aula, ou seja, a formação crítica dos trabalhadores nesta época de transição e colocando a questão que foi posta no tema: O que a pedagogia histórico-crítica tem a dizer a respeito dessa questão?

(28:27 – 30:05) O advento da crise estrutural que rompeu exatamente quando o capital estendeu o seu domínio sobre todo o planeta coloca a exigência de sua superação, abrindo uma nova era que podemos denominar de transição ao socialismo. Veja então a época de transição, que está mencionada lá no tema da aula. Nessa nova época de transição, torna-se necessário que os movimentos sociais populares ascendam à condição de movimento revolucionário, realizando a passagem das lutas conjunturais à luta unificada da classe trabalhadora pela transformação estrutural da sociedade. Destaco agora também um novo slide para o que eu afirmo em seguida. Nesse processo, a educação desempenha papel estratégico e indispensável, porque se a crise estrutural propicia as condições objetivas favoráveis à transição, para operar nessas condições não deixando escapar a oportunidade histórica de transformação estrutural, impõe-se preencher as condições subjetivas que implicam uma aguda consciência da situação, uma adequada fundamentação teórica que permita uma ação coerente e uma satisfatória instrumentalização técnica que possibilite uma ação eficaz.

(30:06 – 31:20) Ora, é exatamente esse o âmbito da incidência do trabalho educativo de formação crítica dos trabalhadores, que, consequentemente, deverá estar ancorado numa sólida teoria pedagógica que elabore e sistematize os elementos garantidores dos três aspectos mencionados: aguda consciência da realidade, fundamentação teórica coerente e instrumentalização técnica eficaz. É essa, destaco em mais um slide, a tarefa que se propõe à pedagogia histórico-crítica. Guiando-se pelo mote expresso no aforismo “sem dominar o que os dominantes dominam, os dominados não chegam a se libertar da dominação” (Saviani, 2018, p.45), ela se empenha num trabalho configurado por dois momentos concomitantes e organicamente articulados entre si: um momento negativo que consiste na crítica à concepção dominante representada pela ideologia burguesa; e um momento positivo que implica o domínio dos instrumentos teóricos e práticos necessários à transformação social.

(31:21 – 32:32) Entretanto, como se evidenciou nesta disciplina, curso de extensão, a pedagogia histórico-crítica é claramente uma teoria contra-hegemônica. Portanto, não há lugar para a ilusão de que ela possa ser adotada como referência para a organização da educação nacional e como orientação das políticas educativas no quadro das relações sociais vigentes, dominadas ainda pelo capital. O que se espera é que a pedagogia histórico-crítica sirva como um instrumento nas mãos dos trabalhadores para instaurar relações educativas que correspondam às suas necessidades e aspirações. Na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, identifiquei no texto “Da inspiração à formação da pedagogia histórico-crítica”, três momentos. Considerando que esse texto foi indicado como leitura obrigatória, para não alongar muito está aula, eu vou me limitar a enunciar os três momentos destacando apenas a conclusão de cada um.

(32:33 – 35:39) Primeiro momento: aproximação ao objeto educação em suas características estruturais, de modo a apreendê-lo em sua concreticidade. Concluir a análise desse momento afirmando que o que cabe à teoria crítica da educação fazer é resgatar, no plano da consciência, as características essenciais da educação, que se fazem presentes em sua prática há séculos e que as teorias correntes, não as alcançando ou delas se afastando, acabam por desvirtuar seu sentido, contribuindo para sua alienação. Eis porque afirmei que o primeiro momento do processo de elaboração de uma teoria verdadeiramente crítica é a aproximação das características estruturais do objeto de modo a apreendê-lo em sua concreticidade. Segundo momento: contextualização e crítica das teorias hegemônicas. Desta feita, concluir que a desmontagem das teorias hegemônicas se movimenta na luta pela hegemonia, que consiste em um processo de desarticulação-rearticulação. Trata-se de desarticular dos interesses dominantes expressos nas teorias hegemônicas aqueles elementos que estão articulados em torno deles, mas não lhes são inerentes, e rearticulá-los em torno dos interesses populares que, expressos na teoria crítica, adquirem a consistência, a coesão e a coerência de uma concepção elaborada. Deixa de ser uma concepção sintrética para se transformar em uma concepção sintética. Deixa de ser uma concepção de senso comum para se apresentar como uma concepção cientificamente fundada. Terceiro momento: elaboração e sistematização de uma teoria da educação efetivamente crítica. Sobre esse aspecto, observei que, efetuado o percurso investigativo, cabe expor de forma sistematizada o resultado da investigação que penetrou no interior dos processos pedagógicos e reconstruiu suas características objetivas, capacitando-se, portanto, a formular as diretrizes pedagógicas que possibilitarão a reorganização do trabalho educativo sob os aspectos das finalidades e dos objetivos da educação, das instituições formadoras, dos agentes educativos, dos conteúdos curriculares e dos procedimentos pedagógicos didáticos que movimentarão um novo etos educativo voltado à construção de uma nova sociedade, uma nova cultura, um novo ser humano.

(35:40 – 38:40) E fecho, então, esse tópico com mais um destaque exato. Apropriando-se dessa teoria, as professoras e professores estarão capacitados para realizar, nas escolas, a formação crítica dos trabalhadores, permitindo-lhes a compreensão das características desta época de transição ao socialismo que lhes impõe a exigência da ação revolucionária. Eu vou, então, agora à conclusão, considerando quais são as condições para revigorar a luta dos trabalhadores. O desenvolvimento da consciência dos trabalhadores implica dois aspectos articulados entre si, como destaquei em um outro trabalho que também indiquei como leitura prévia em preparação a esta aula. Então, os dois aspectos são: a educação e a ação da população organizada. A educação escolar, conforme a visão da pedagogia histórico-crítica, é o meio mais adequado para a apropriação das objetivações humanas desenvolvidas ao longo da história a fim de conduzir o processo histórico a um novo patamar, como destacou Gramsci em 1916, naqueles textos de juventude. Escreveu ele, é através da crítica da civilização capitalista que se forma, ou está se formando, a consciência unitária do proletariado. E crítica quer dizer cultura, e não já evolução espontânea e naturalística. E não se pode obter isso se não se conhece também os outros, a sua história, o suceder-se dos esforços que eles fizeram para ser isto que são, para criar a civilização que criaram e que nós queremos substituir pela nossa. Quer dizer, ter noções de que coisa é a natureza e as suas leis para conhecer as leis que governam o espírito. Gramsci conclui de forma clara, situando a necessidade de o proletariado dominar o saber histórico, colocando-se assim como um elo na cadeia da história universal. Afirmou ele, se é verdade que a história universal é uma cadeia dos esforços que o homem fez para libertar-se, tanto dos privilégios como dos preconceitos e da idolatria, não se compreende por que o proletariado, que um outro elo quer juntar a essa cadeia, não deva saber como e porquê e de quem tenha sido precedido e qual a vantagem que pode tirar desse saber.

(38:41 – 40:28) Vejam aí como e por que a pedagogia histórica-crítica insiste na ideia de que o papel da educação é permitir que as novas gerações, especificamente os trabalhadores, se apropriem das objetivações humanas produzidas ao longo da história. Se apropriar, portanto, do saber sistematizado. Assim, com a formação crítica propiciada pela educação escolar, a consciência da realidade vivida pelos trabalhadores se aguça, possibilitando que as ações da população organizada sejam orientadas o máximo possível pela passagem da condição de classe em si para a condição de classe para si, realizando a catarse, entendida, no sentido gramsciano, como a assimilação superior da estrutura e superestrutura na consciência dos trabalhadores. Destaco, então, mais uma passagem em slide. Essa é a transição que devem operar as organizações permanentes dos trabalhadores, representadas pelos sindicatos das diversas categorias profissionais e pelos diferentes Movimentos Sociais Populares, empregando suas forças organizadas, consoante a análise de Marx no texto Salário, Preço e Lucro, “como alavanca para a emancipação final da classe operária, isto é, para a abolição definitiva do sistema de trabalho assalariado” (Marx, s/d, p. 387).

(40:29 – 42:26) Na verdade, via de regra, os movimentos sociais nascem de reivindicações específicas, mantendo-se, portanto, no nível corporativo e com caráter transitório. Assim, por exemplo, um movimento como o Passe Livre foi criado para resolver o problema da mobilidade urbana. Isso significa que, tendo êxito, então o movimento deixará de existir. Óbvio, não é? Você faz um movimento forte, luta para conseguir o Passe Livre, o transporte público, e isso é conseguido. Os responsáveis, os governantes, decretam, definem, decidem, por uma lei ou por um decreto do Executivo, que, a partir desta data, o transporte público será gratuito, será livre de taxas. Então, acabou o movimento Passe Livre. Foi criado para obter esse resultado, o resultado foi alcançado, então não existe mais esse movimento. Fica claro, então, que os movimentos sociais representativos da classe trabalhadora, para se integrarem na luta comum da classe, deverão passar da condição de transitórios a permanentes, das ações sobre o aspecto conjuntural ao aspecto estrutural da sociedade, do espírito de povo ao espírito de classe, da fragmentação em torno de lutas pontuais para a união em torno das lutas de interesse de toda a classe trabalhadora, do caráter espontâneo para o sistematizado, do nível de consciência em si para o nível de consciência para si.

(42:27 – 44:39) Constatamos que o movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, realizou a referida passagem. Como um movimento social que luta pela reforma agrária, tendencialmente, ele deixaria de existir se a reforma agrária fosse instituída no Brasil. Mas, diante da resistência da classe dominante em realizar a reforma agrária, os integrantes do MST foram tomando consciência de que a solução do problema do Sem Terra só ocorrerá com a mudança da forma de sociedade, ou seja, com a superação do capitalismo efetuando, pois, a transição para o socialismo. Dessa forma, o MST é hoje um movimento permanente que busca integrar toda a classe trabalhadora do mundo inteiro, cumprindo aquela fórmula do final do Manifesto do Partido Comunista, trabalhadores de todos os países unidos, então, o MST também faz esse trabalho internacionalista. Dessa forma, o MST é hoje um movimento permanente que busca integrar toda a classe trabalhadora na luta pela transformação estrutural da sociedade, tendo realizado a passagem do espírito de povo ao espírito de classe, cujas ações assumem caráter sistematizado e se apresentam como experiências da nova forma de organizar e de administrar as relações sociais. A dedicação de seus militantes e o modo resoluto com que realizam ocupações, organizam e administram a vida nos acampamentos e assentamentos, constituem gérmenes da sociedade socialista que se querem plantar e, pelos resultados atingidos, revigoram suas forças e os animam a prosseguir na luta em busca de novas conquistas. Destaco, então, o resultado dessa análise num novo slide.

(44:40 – 46:02) De fato, os acampamentos e assentamentos do MST operam como enclaves socialistas no interior da forma ainda predominante do capitalismo. Com efeito, nesses enclaves foi abolida a propriedade privada. Os meios de produção, a força de trabalho, os produtos de trabalho encontram-se socializados, ocorrendo, consequentemente, “a abolição definitiva do sistema de trabalho assalariado”, como reivindicou e propôs Marx no texto Salário, Preço e Luro. Assim, se além do meio rural, também no meio urbano, com as atividades industriais, comerciais e financeiras, os trabalhadores passarem a assumir coletivamente, de forma autônoma, o processo de produção, realizando a proposta de Marx da abolição definitiva do sistema de trabalho assalariado, poderão inverter a situação, colocando transitoriamente os capitalistas na dependência dos trabalhadores, pois sem eles o capital não terá mais valia para incorporar, tendo de adquirir dos trabalhadores os bens necessários à sua subsistência, chegando no limite à superação do capitalismo e dos capitalistas.

(46:03 – 47:57) Estaria sendo reeditada, obviamente em condições totalmente novas, o processo que ocorreu lá no início do capitalismo, da ascensão da burguesia, que se tornou classe economicamente dominante antes de se tornar politicamente dominante, o que levou reis e senhores feudais à dependência da burguesia antes de se consumar a revolução burguesa. Veja, porque a revolução burguesa só foi se efetivar no final do século XVIII, em 1789, com a Revolução Francesa. Mas desde a passagem do século XV para o XVI, que a burguesia foi se desenvolvendo e abolindo o trabalho servil, abolindo as corporações, concentrando todo o processo na produção e comercialização de bens. Então, ela já se tornou dominante economicamente antes de se tornar dominante politicamente através da Revolução Francesa, que sucedeu a Revolução Inglesa no campo da economia. Se agora os trabalhadores seguirem por esse caminho, será resolvido o problema da constituição da base econômica para dar sustentação à revolução proletária no aspecto político. Mas para isso é preciso capitalizar tais iniciativas, conferindo-lhes um caráter orgânico na direção da transformação revolucionária da sociedade, o que, entretanto, está fazendo falta nas condições atuais da luta popular em nosso país.

(47:58 – 49:10) De fato, um ponto de estrangulamento do processo de organização das ações que conformam a luta dos trabalhadores é, no Brasil, a ausência do Partido Revolucionário. Gramsci, assim como alargou o conceito de Estado, que passou a abarcar tanto a sociedade política como a sociedade civil, sociedade política identificada como aparelho governamental, e a sociedade civil como os aparelhos ideológicos de hegemonia, ampliou também o conceito de partido, admitindo, além dos partidos políticos, ligados à sociedade política, os partidos ideológicos, ligados à sociedade ideológica, à sociedade civil. O partido político constitui disse Gramsci, uma organização prática ou tendência prática, ou seja, um instrumento para a solução de um problema ou de um grupo de problemas da vida nacional e internacional.

(49:11 – 50:54) Em contrapartida, o partido ideológico, continua Gramsci, é o partido como ideologia geral, superior aos vários agrupamentos mais imediatos. Dessa forma, sobre o conceito de partido ideológico, se agrupa o conjunto dos aparelhos de organizações intelectuais, tais como a imprensa, as editoras, círculos, clubes, igrejas, associações culturais, profissionais ou comunitárias, entidades de benemerência, assim como as escolas públicas e privadas de diferentes tipos e níveis. Essas duas modalidades de partido, político e ideológico, se unificam no partido revolucionário, a saber, o Partido Comunista, que Gramsci, foi um do qual, Gramsci, no caso do Partido Comunista Italiano, foi um dos fundadores para a lei importante do partido no qual ele militava antes, que era o Partido Socialista. Então, essas duas modalidades, partido político e ideológico, se unificam no partido revolucionário, a saber, o Partido Comunista, como partido do proletariado, definido como organismo privilegiado de difusão da concepção de mundo da classe trabalhadora. Diz Gramsci que “esse partido é o arauto e organizador de uma reforma intelectual e moral, o que, em síntese, significa criar o terreno para um ulterior desenvolvimento da vontade coletiva nacional popular, visando a realização de uma forma superior e total de civilização moderna”, porque eu fecho aqui essa citação de Gramsci.

(50:55 – 53:24) E continuo. O papel do partido revolucionário é, portanto, dar coesão e direção à mobilização das massas, e, para isso, deve manter um estreito vínculo com as organizações dos trabalhadores. Na situação atual, não dispomos de um partido com essas características. Nossos partidos de esquerda se circunscrevem ao plano institucional. E mesmo aqueles partidos que criticam o PT por ter se afastado das massas, voltando-se após assumir em governos ao plano institucional, também esses partidos não mantêm vínculos com as massas. Falta-nos um verdadeiro partido revolucionário dotado de capilaridade para organizar, mobilizar e liderar as massas trabalhadoras, seja no âmbito da economia, criando formas de produção autônomas, confrontando o capital, seja no âmbito político, afrontando o Estado burguês. E destaco, então, agora, mais uma colocação em slide. Eis aí a tarefa urgente e necessária a ser encetada pelas assim chamadas “forças de esquerda” na luta contra a barbárie em nosso país, nesse contexto de crise terminal do capitalismo em que o Brasil foi tomado de assalto pelo segmento político da extrema direita. Termino aqui essa nossa aula, esperando ter oferecido algumas indicações importantes para a articulação das diversas pedagogias contra-hegemônicas abordadas ao longo do semestre, assegurando que estarei à disposição em nosso encontro do próximo dia 28 de novembro para comentar as questões que vierem a ser apresentadas, transmito a todos e todas que estão nos acompanhando nessa aula o meu forte abraço.